

Ensinando os conteúdos da educação física na perspectiva das atividades adaptadas: Compartilhando a experiência durante intercâmbio em Portugal**Teaching the contents of physical education from the perspective of adapted activities: Sharing na experience during exchange in Portugal**

DOI:10.34119/bjhrv3n4-151

Recebimento dos originais: 20/06/2019

Aceitação para publicação: 23/07/2020

Amanda Santana de Souza

Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
Instituição: Universidade Estadual de Feira de Santana - Av. Transnordestina, s/n -
Novo Horizonte – Feira de Santana – BA, Brasil
E-mail: amanda.santanaa@hotmail.com

Aiana Carvalho Carneiro

Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
Instituição: Universidade Estadual de Feira de Santana - Av. Transnordestina, s/n -
Novo Horizonte – Feira de Santana – BA, Brasil
E-mail: aiaanacarvalho16@gmail.com

Suzana Alves Nogueira Souza

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Professora Adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
Instituição: Universidade Estadual de Feira de Santana - Av. Transnordestina, s/n -
Novo Horizonte – Feira de Santana – BA, Brasil
E-mail: suzanaufba@hotmail.com

Denize Pereira de Azevedo

Doutora em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Professora Adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
Instituição: Universidade Estadual de Feira de Santana - Av. Transnordestina, s/n -
Novo Horizonte – Feira de Santana – BA, Brasil
E-mail: denizefreitas0505@gmail.com

Marroney de Santana Nery

Graduando em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana
(UEFS)
Instituição: Universidade Estadual de Feira de Santana - Av. Transnordestina, s/n -
Novo Horizonte – Feira de Santana – BA, Brasil
E-mail: marroney18@gmail.com

Raquel Campos de Jesus Sampaio

Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
Instituição: Universidade Estadual de Feira de Santana - Av. Transnordestina, s/n -
Novo Horizonte – Feira de Santana – BA, Brasil

E-mail: raquelcamposedfisica@gmail.com

Luana Pires Geraldês

Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
Instituição: Universidade Estadual de Feira de Santana - Av. Transnordestina, s/n -
Novo Horizonte – Feira de Santana – BA, Brasil
E-mail: luannageraldes@hotmail.com

Ivanilton Carneiro Oliveira

Graduado em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
Instituição: Universidade Estadual de Feira de Santana - Av. Transnordestina, s/n -
Novo Horizonte – Feira de Santana – BA, Brasil
E-mail: ivaniltonoliveira74@gmail.com

RESUMO

Atualmente tem-se percebido grandes dificuldades no ensino da Educação Física de maneira inclusiva, devido ao fato de muitas vezes pela justificativa da falta de contato e discussão do assunto no período de formação inicial nega-se o ensino nesta perspectiva. Deste modo, este estudo apresenta o relato de aulas vivenciadas por acadêmicos que obtiveram contato com algumas estratégias um tanto diferente de se trabalhar a Educação Física para pessoas com deficiência. O estudo apresenta como objetivo relatar as estratégias que foram utilizadas para ensino inclusivo nas aulas de Educação Física, a partir do modelo CRIE, de Campos (2018). As estratégias mencionadas foram observadas, vivenciadas e analisadas durante o período de intercâmbio em uma universidade de Portugal, na disciplina denominada de Ensino Integrado da Educação Física, através da utilização do diário de bordo como parte dos métodos. Percebe-se que as aulas dos conteúdos da Educação Física Adaptada quando planejadas, aplicadas e vivenciadas pelos próprios alunos da disciplina obtiveram um resultado muito mais significativo na aprendizagem dos acadêmicos. Assim, pensa-se que relatando os benefícios do trabalho com a prática do planejamento na perspectiva inclusiva na universidade, pode-se contribuir para a formação dos acadêmicos para o ensino inclusivo.

Palavras-chave: Formação Inicial, Pessoa com Deficiência, Inclusão, Educação Física Adaptada, Estratégias de Ensino.

ABSTRACT

Currently, it has been noticed great difficulties in teaching Physical Education in an inclusive way, due to the fact that many times due to the justification of the lack of contact and discussion of the subject in the initial training period, teaching in this perspective is denied. Thus, this study presents the report of classes experienced by academics who had contact with some strategies somewhat different from working with Physical Education for people with disabilities. The study aims to report the strategies that were used for inclusive teaching in Physical Education classes, based on the CRIE model, by Campos (2018). The mentioned strategies were observed, experienced and analyzed during the exchange period at a university in Portugal, in the discipline called Integrated Teaching of Physical Education, through the use of the logbook as part of the methods. It is noticed that the lessons of the contents of Adapted Physical Education when planned, applied and experienced by the students of the discipline obtained a much more significant result in the students' learning. Thus, it is thought that by reporting the benefits of working with the practice of planning from an inclusive perspective at the university, one can contribute to the training of academics for inclusive education.

Keywords: Initial formation, Disabled Person, Inclusion, Adapted Physical Education, Teaching Strategies.

1 INTRODUÇÃO

A formação inicial apesar de não ser a única responsável pelo perfil docente do indivíduo, tem uma enorme influência e contribui com aspectos que colaboram na prática pedagógica de cada professor. Quando se trata de formação docente, há ainda uma influência maior da pesquisa com estudos que sempre procuram colaborar para acréscimo de novas metodologias e perspectivas que auxiliem este processo. Para Maffei, Verardi e Pêsoa Filho (2016) as últimas décadas apresentaram a temática da pesquisa que trata da formação docente como fundamental e essencial, para redirecionar o processo de formação dos educadores.

Ainda com todos avanços e desenvolvimentos, a formação inicial ainda não contempla de modo tão abrangente os conhecimentos suficientes para preparar o docente para atuação na educação especial e inclusiva, a mesma busca apresentar de modo ainda que superficial na graduação alguns pontos relevantes a fim de despertar esta discussão, porém na prática estes conteúdos ajudam mas não capacitam os docentes para a atuação.

As aulas nos cursos de licenciaturas dialogam e possibilitam uma aproximação do trabalho pedagógico na educação especial, através de disciplinas e vivências em sala de aula que propõe adaptações de planejamentos, atividades, exercícios, a fim de estimular o despertar docente para o trabalho com a inclusão. As adaptações das atividades já conhecidas para o ensino inclusivo auxiliam, porém mesmo com todas estas iniciativas o ensino da formação inicial ainda não abarca todas as estratégias para a preparação prática no trabalho pedagógico com a educação especial.

Os docentes atualmente ressaltam que em seus cursos de formação inicial no ensino superior, enquanto estudantes, não tiveram oportunidades de se aprofundarem mais nos estudos voltados para a educação especial, nem tiveram contato com estágios e vivências práticas com o público da educação especial. Assim, percebe-se que isso acaba resultando na formação de uma barreira., causando um estado de negação e medo de muitos docentes de planejarem e atuarem com trabalho pedagógico com turmas que tenham alunos com deficiência. Muitos professores resistem e se negam a trabalhar nestas áreas, mas dentre estes há uma parcela de docentes que aceitam a fim de não causar uma situação de constrangimento com a gestão escolar, porém não atuam se permitindo aprender e evoluir, apenas reproduzem o modo de ensino tradicional, exigindo do aluno com deficiência um aprendizado sem quaisquer adaptação para o mesmo. Dentre estes dois grupos, felizmente, existem os docentes que se permitem e

aceitam enfrentar o desafio de um novo cenário de trabalho pedagógico, possibilitando aprender e ensinar no cenário inclusivo, descobrindo possibilidades e permitindo vivenciar a grande possibilidade que é a representação do trabalho na diversidade, nas diferenças e na inclusão (EDLER CARVALHO, 2005).

Nota-se que apesar dos docentes utilizarem a estratégia de transferência de responsabilidade do trabalho inclusivo para os pais e responsáveis, terapeutas e as vezes até mesmo o próprio sujeito com deficiência, o docente deve intervir em seu trabalho pedagógico auxiliando o desenvolvimento do aluno com deficiência, não devendo permanecer preso a este discurso ultrapassado, pois há uma enorme produção de conhecimento sobre deficiência, suas estratégias e possibilidades de trabalho pedagógico no cenário da educação especial e educação inclusiva, possibilitando assim que o docente possa buscar, estudar, permitir-se fazer diferente e sempre pesquisar novas estratégias.

De acordo com Pimentel e Fernandes (2014) para que o processo de ensino inclusivo seja eficiente, é necessário que o mesmo seja essencial, assim tendo uma boa preparação na atuação do professor como mediador; importante também atribuir a escola o papel como espaço adequado para esta concretização. Afinal, existem muitos aspectos que precisam ser melhorados a fim de que a educação destes alunos se torne mais efetiva, dentre eles destaca-se o envolvimento da rede específica de apoio aos professores, contando com adaptações curriculares e tomada de medidas que permitam a facilitação da comunicação e trabalho de envolvimento entre todos os profissionais.

O ensino da Educação Física apresenta uma enorme importância para o desenvolvimento do aluno, desde a educação infantil ao ensino médio. Percebe-se que ultimamente tem crescido o número de turmas inclusivas, tanto em escolas públicas, quanto em particulares; as escolas atualmente contam com alunos com variados tipos de deficiências inclusos em suas turmas regulares, que muitas vezes erroneamente são denominados como “anormais”, o que deve ser corrigido e evitado.

Para Souza e De Assis (2015) muitos professores não percebem a diferença de seus alunos como parte natural da sociedade, mas visualizam este fator como um problema. A visão docente de caracterizar as diferenças de seus alunos com deficiência como um problema, é um aspecto totalmente contrário aos princípios inclusivos do trabalho pedagógico com a educação especial, pois, este deveria ser um dos primeiros a acreditar e incentivar a restrição desse olhar limitado aos seus alunos por qualquer pessoa que viesse a desacreditar da eficácia do trabalho pedagógico no cenário de inclusão. O olhar restrito e limitado ao trabalho inclusivo e

potencialidades do aluno com deficiência, prejudica de modo considerável o desenvolvimento deste trabalho, percebendo que o aluno faz parte da sociedade e deve ter seus direitos garantidos e ser respeitado em qualquer e todo âmbito que estiver presente, principalmente o escolar.

Como afirma Diniz (2007), uma pessoa com deficiência representa a experimentação de um corpo fora da forma, afinal não há como classificar um corpo com deficiência como um corpo anormal, pois, se pensado de outra perspectiva, um corpo com deficiência é delineado anormal apenas quando se compara a um corpo sem deficiência. Na verdade, a anormalidade nestes dois casos não existe, não é correto considerar um corpo “anormal”, pois, um corpo com deficiência é uma dentre as mais variadas possibilidades da existência humana.

No curso de Educação Física, a formação inicial tem recebido há algum tempo uma grande culpabilização de críticas deficitárias quando se trata da área de Educação Física Inclusiva e Adaptada. Os professores recém-formados na maioria das vezes, fazem críticas relacionadas a falta de ensino para prepará-los para o trabalho com a educação especial ou, ainda que durante a graduação tiveram apenas alguns contatos curtos e superficiais, que impossibilitaram um aprendizado mais significativo de saber como organizar e como se dá o trabalho pedagógico com pessoas com deficiência.

Este estudo surgiu do interesse de relatar as estratégias vivenciadas e consideradas interessantes durante a realização de um intercâmbio numa Universidade em Portugal. Tais vivências evidenciadas foram desenvolvidas a partir da experiência do ensino das aulas de Educação Física na perspectiva inclusiva na formação inicial; estas vivências foram planejadas pelo fato de que muitos professores relatam dificuldades em ministrar aulas quando se tem alunos com deficiência, devido ao fato de terem pouca ou nenhuma aproximação na graduação com estratégias ou propostas que pudessem auxiliar no desenvolvimento de seu trabalho na área da Educação Física Inclusiva. Pensou-se assim em expor os resultados destas experiências para que possam auxiliar estudantes universitários que também sintam dificuldades em atuar na área de educação especial.

O estudo tem como objetivo evidenciar as estratégias utilizadas para ensino na perspectiva das aulas de Educação Física Inclusiva, a partir do modelo CRIE, de Campos (2018). O trabalho visa contribuir na minimização das dificuldades encontradas pelos estudantes de graduação ao realizar o planejamento das aulas e organização do trabalho pedagógico na perspectiva da inclusão.

2 MÉTODOS

A experiência relatada foi vivenciada durante o período de intercâmbio em 2018.2 em uma universidade em Portugal, onde a professora responsável pela disciplina assumia uma postura diferenciada de trabalho com a Educação Física na perspectiva inclusiva e que despertou o interesse em construir o presente estudo.

O estudo trata de apresentar na forma de relato, o resultado da pesquisa de campo realizada durante o intercâmbio. A pesquisa de campo, segundo Gil (2002 p.53), “focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana”. Segundo o mesmo autor, o estudo de campo, conta com uma abordagem qualitativa, a qual se diferencia das demais por atuar com um universo de significados e um aprofundamento das relações, dos fenômenos e processos e assume caráter descritivo, que segundo Gil (2008 p. 42) tem como objetivo primordial “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Como instrumento de coleta dos dados, utilizou-se diário de bordo, que funciona de um modo mais detalhista e completo de registro das evidências encontradas nas observações e entrevistas; pois, durante a pesquisa, para que o investigador se aprofunde sobre o objeto de estudo a ser pesquisado no campo, ele pode utilizar o diário de bordo para coletar e registrar as informações que não foram coletadas pelos outros instrumentos formais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As estratégias de ensino observadas e vivenciadas durante a mobilidade estudantil internacional permitiram que surgissem diversas inquietações relacionadas a perspectiva inclusiva. As aulas eram com turmas grandes, aproximadamente cem estudantes, realizadas em auditórios da faculdade e a metodologia do momento teórico era a contextualização teórica, onde semanalmente era apresentado como conteúdo um diferente tipo de deficiência. Logo após, ocorria a apresentação dos conceitos e exemplos. Os alunos recebiam um modelo de adaptação denominado por “CRIE”, que é um modelo de adaptação das atividades para o contexto inclusivo, onde se estabelece o cenário, escolhendo a atividade, os objetivos da mesma e as adaptações para que os objetivos sejam alcançados.

A segunda parte da atividade é composta por Contexto, Regras, Instrução e Equipamentos, que com base na atividade escolhida deverá ser adaptada dentro destes quatro aspectos, mais detalhadamente, deverá ser informada as alterações no contexto geral da

atividade; devem ser registradas quais são as mudanças de regras que devem ser feitas para a realização da atividade; como serão as instruções que devem ser dadas para os alunos com e sem deficiência. E, por fim, as adaptações dos equipamentos, seja em relação a tamanho, textura, peso.

Figura 01- Modelo de Inclusão em Atividade Físicas e Desportivas.

CRIE ATIVIDADES FÍSICAS E DESPORTIVAS INCLUSIVAS: COMO ADAPTAR?									
<p>CENÁRIO:</p> <p>1ª Definir a tarefa. Qual é a atividade ou o exercício?</p> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <p>2ª Identificar os critérios de êxito. Quais os objetivos?</p> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <p>3ª Criar adaptações. O que modificar para alcançar os objetivos? "CRIE!"</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin-top: 10px;"> <p>Esquema:</p> </div>	<table border="1"> <tr> <td style="background-color: #cccccc; text-align: center; vertical-align: middle;">Contexto</td> <td>• Condicionar o espaço e ambiente</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #cccccc; text-align: center; vertical-align: middle;">Regras</td> <td>• Alterar a forma de realizar a atividade</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #cccccc; text-align: center; vertical-align: middle;">Instrução</td> <td>• Formas de transmitir a mensagem</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #cccccc; text-align: center; vertical-align: middle;">Equipamento</td> <td>• Variar as características do material</td> </tr> </table>	Contexto	• Condicionar o espaço e ambiente	Regras	• Alterar a forma de realizar a atividade	Instrução	• Formas de transmitir a mensagem	Equipamento	• Variar as características do material
Contexto	• Condicionar o espaço e ambiente								
Regras	• Alterar a forma de realizar a atividade								
Instrução	• Formas de transmitir a mensagem								
Equipamento	• Variar as características do material								
<p>CRIE - MODELO DE INCLUSÃO EM ATIVIDADES FÍSICAS E DESPORTIVAS - Maria João Campos, 2018</p>									

Fonte: Campos, 2018, no prelo.

Os alunos tinham aproximadamente de 20 a 30 minutos para elaboração desta atividade em sala, em grupos de cinco pessoas e tinham que apresentar para a professora e para turma na próxima aula teórica.

A partir da apresentação sobre o tipo de deficiência discutido na aula teórica, ocorria o momento prático, onde os alunos tinham uma semana para planejamento das atividades, uma de caráter lúdico e uma de alguma modalidade esportiva, ambas para inclusão de pessoas com deficiência a partir do tipo de deficiência discutido na última aula teórica. Na aula prática, os grupos escolhiam entre seus componentes, quem seria o professor e dentre as duas atividades uma para ministrar para a turma.

O diferencial na aula prática, era que a professora escolhia um determinado número de alunos que iriam experimentar a atividade como se fosse uma pessoa com deficiência, por exemplo; uma aula para uma turma inclusiva com pessoas com deficiência física, alguns alunos da turma deveriam estar realizando a aula na cadeira de rodas, experimentando a sensação de uma pessoa com deficiência física naquela atividade. Ao final de cada atividade os alunos que estavam experimentando a aula no lugar da pessoa com deficiência, trocavam com outros para que o maior número de alunos pudessem vivenciar aquela atividade, ao final, a professora se reunia com a turma e acontecia o feedback dos “professores” de suas atividades, dos alunos que vivenciaram e dos alunos que vivenciaram enquanto pessoa com deficiência. Neste momento eram expostas as dificuldades e facilidades da atividade, assim como sugestões e críticas.

De acordo com Pimenta (2002) o ser educador solicita a parceria do trabalho da prática em conjunto com a vivência, desconstruindo que haja alguma dicotomia entre prática e teoria, a prática na educação é construída a partir do incentivo. Faz-se necessário que as articulações entre prática e teoria sejam constantes, até pelo fato de que não existe fazer que não tenha com principal guia o saber.

Para Almeida (2005) é importante salientar que apenas receber o aluno na sala de aula não é incluir, não representa o significado do trabalho com a inclusão, existe e é necessário que haja um preparo e uma busca de conhecimentos básicos sobre o perfil do aluno e suas características, a fim de conhecer sobre sua história, suas potencialidades, limitações e também sobre o tipo de deficiência que o aluno apresenta.

Os autores, Souza e De Assis (2015) ainda afirmam que o primeiro passo para que mudanças sejam efetivadas é o foco ao pensamento no processo de formação de docentes, visto que este pode auxiliar para a estimulação de criação de novos contextos de educação inclusiva. Assim, tornando-se capaz de propiciar a aprendizagem de todos os alunos, respeitando os processos e ritmos de cada um, o tempo e vencendo barreiras independentemente das suas condições.

A Declaração de Salamanca (1994) afirma que as pessoas com deficiências devem ter o acesso garantido à escola regular, que tem o papel de acolher e acomodar todos os alunos com deficiência dentro de uma pedagogia que se centre na criança, sendo capaz também de satisfazer as necessidades dela. Para que tal fato possa se materializar, é necessária a preparação ainda na formação inicial que colabore para que os futuros docentes se aproximem com este cenário inclusivo ainda na universidade.

Sobre as estratégias de ensino utilizadas na inclusão no âmbito da Educação Física, pode-se perceber uma grande contribuição na formação dos acadêmicos, segundo Mittler (2003), possibilita que o professor perceba que nenhum ser humano pode ser excluído da capacitação para a inclusão. Além disso, torna o futuro professor mais ciente de toda importância que a inclusão tem na escola e na sociedade.

4 CONCLUSÕES

A partir das evidências trazidas ao longo do estudo, percebe-se que é necessária uma mudança na formação dos professores para que estes estejam preparados para atender as necessidades dos alunos com deficiência que estarão cada vez mais presentes nas escolas. Assim, nota-se a relevância do papel do professor no trabalho pedagógico na inclusão percebendo que o mesmo deve estar sempre se capacitando para o trabalho em cenários inclusivos, visto que, estes estarão cada vez mais presentes nos âmbitos escolares.

O número de instituições que estão abraçando a proposta inclusiva tem crescido nos últimos anos e as pessoas com deficiência devem ter seus direitos garantidos. Assim, o que se deve mudar é a formação dos professores e gestores para que estejam preparados para atender as necessidades dos alunos com deficiência que estarão cada vez mais presentes nas escolas.

Porém, visualiza-se que por mais que o professor apresente todo domínio da literatura na área de educação especial e inclusiva e tenha todo preparo teórico, ainda assim é possível que o mesmo sinta dificuldades no início do trabalho com a inclusão. Isso justifica-se, principalmente, pelo fato de no campo prático sempre conter situações inesperadas e inéditas, desta forma, estas dificuldades poderão servir como incentivos para a busca de mais conteúdos e conhecimentos, através de capacitações que visem preencher estas lacunas e contribuir no trabalho pedagógico do professor com alunos com deficiência.

Nota-se que a formação inicial parece ser o caminho mais direto para atingir a formação docente destes acadêmicos que futuramente serão professores de escolas inclusivas. Considera-se que se deve investir nesta fase de preparação docente possibilitando o maior número de vivências, experimentações e aproximações dos acadêmicos com o campo da inclusão e a prática pedagógica para educação especial.

Destarte, percebe-se as potencialidades que o modelo CRIE apresenta para a preparação dos acadêmicos para o trabalho com a inclusão, de modo que traz um planejamento bem detalhado que aproxima os estudantes da realidade da atividade adaptada, permitindo que

possam pensar em todas as vias que devem ser modificadas para aplicação da atividade no âmbito da inclusão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marina da Silveira Rodrigues. **Caminhos para a inclusão humana: valorizar a pessoa, construir o sucesso educativo**. 2005.
- CAMPOS, Maria João. **Modelo de Inclusão em Atividade Físicas e Desportivas**. 2018. No prelo.
- DECLARAÇÃO de Salamanca e enquadramento da ação na área das necessidades educativas especiais. Salamanca/Espanha: Unesco, 1994.
- DINIZ, Debora. **O que é deficiência**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. 80 p.
- EDLER CARVALHO, Rosita. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”**. 4. ed. Mediação: 2005.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 197 p.
- MAFFEI, Willer Soares; VERARDI, Carlos Eduardo Lopes; PESSÔA FILHO, Dalton Müller. Formação inicial do professor de Educação Física: produções acadêmicas entre 2005–2014. **Motrivivência**, v. 28, n. 49, p. 146-163, 2016.
- MITTLER, Peter. **Educação inclusiva contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- PIMENTA, Selma G.; GHEDIN, Evandro (orgs). **Professor reflexivo no Brasil: A gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.
- PIMENTEL, Ana Gabriela Lopes; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo. **Audiology-Communication Research**, v. 19, n. 2, p. 171-178, 2014.
- SOUZA, Jessica Rezende; DE ASSIS, Renata Machado. Alunos autistas nas aulas de educação física: limites e possibilidades do trabalho cotidiano. **Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino (EDIPE) do Centro de Estudos e Pesquisas em Didática (CEPED)**, v. 6, 2015.